

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 93

Data: 10 de fevereiro de 1977

Pg.: _____

Indianista não vê com que o índio possa integrar-se

São Paulo — Quando uma autoridade diz que o índio deve ser integrado, pergunto em quê. Núcleos civilizados como Conceição do Araguaia, São Félix, Mato Verde, Xavantina e outros, não têm condições nenhuma de oferecer cultura, desenvolvimento e assistência" — disse Alvaro Vilas Boas, indianista da Funai e chefe da ajudancia de Bauru.

Ele acrescentou que "esses grupos ainda são dominados por pessoas que usufruem a riqueza da terra. Por que jogar o índio no meio dessa confusão? O normal seria desenvolver as áreas indígenas, que funcionariam como pequenas células de contribuição indireta ao progresso da região".

MISSIONÁRIOS

Depois de ressaltar que "o índio brasileiro, em 1500, formava uma população de 3 a 4 milhões e, atualmente, não passam de 100 mil", Alvaro Villas Boas defendeu a necessidade de melhor entrosamento entre a Funai e os missionários. Disse, também, que a entidade não pode prescindir da ajuda de etnólogos, antropólogos, imprensa e opinião pública, "pois da soma desses esforços pode resultar uma solução para os problemas dos índios."

"O índio não é, absolutamente, um entrave ao desenvolvimento da Nação. Uma coisa que me choca é a posição mesquinha do índio na História brasileira, em que ele aparece como uma figura, um elemento selvagem que apenas atrapalhava o progresso. Sem a contribuição dele, não existiria o Brasil. O índio era o elemento preponderante nas bandeiras" — acentuou.

O maior problema que a Funai enfrenta, segundo Alvaro Vilas Boas, é a dispersão do índio no Brasil.

"É difícil para a Funai, atender a essa população, pulverizada do Rio Grande do Sul ao Amapá, apesar do avião e das novas estradas, pois os locais são de difícil acesso. Seriam necessários

SE 10-2-77
muitos recursos e um instrumental bastante desenvolvido" — declarou.

CRÉDITO

Para Alvaro Vilas Boas, "a situação do índio não é muito boa" e "a Funai, como todo órgão, tem defeitos". E acrescentou:

"A Funai precisa, naturalmente, aprimorar suas estruturas, cada vez mais, a fim de melhor cumprir sua missão, das mais delicadas. Mas devemos dar-lhe um crédito de confiança, porque o problema do índio vem desde 1500. Fundada em 1967 e começando a atuar em 1968, não é possível se esperar que ela resolvesse os problemas do índio de uma hora para outra".

Disse o indianista que "a Funai enfrenta interesses poderosos no Brasil, além das dificuldades naturais; e, muitas vezes, a incompreensão do próprio índio, a escassez de pessoal, a falta de recursos suficientes e a dispersão do índio".

"Entretanto, a situação do índio não é tão desesperadora, porque ele vive melhor do que muitos trabalhadores rurais — os bóias-frias — tendo, pelo menos, assistência, terra para plantar. O índio não morre à míngua, no Brasil, conforme se pensa" — disse ele.

Segundo o indianista Alvaro Villas Boas, "algumas áreas por circunstâncias diversas sofrem bastante. Os carajás, que vivem na ilha de Bananal, são um exemplo. O rio Araguaia se transformou num lugar de turismo e de depredação da natureza. Em consequência, o carajá, senhor do Araguaia, está praticamente confinado na ilha, sofrendo influências negativas do civilizado, como álcool, prostituição e outros males".

Alvaro é irmão de Orlando e Cláudio Villas Boas, veteranos indianistas brasileiros, e é responsável por três áreas indígenas do interior de São Paulo, nas proximidades de Avaí, Vamiri, Tupã, Icatu, Araribá e Praúna, onde vivem os índios caingangues e uma parte dos terenas.